

EDITORIAL

Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (RIO+20)

Em junho de 2012, as atenções de todos estarão voltadas para o Rio de Janeiro, onde será realizada a *Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável* (RIO+20), que acontecerá vinte anos depois da *Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento*, também ocorrida no Rio de Janeiro, em junho de 1992. O evento contará com a participação de cerca de 50 mil pessoas, entre elas, chefes de estado, empresários, educadores, ambientalistas e representantes de ONG's.

Nela, discutir-se-ão questões relativas ao desenvolvimento sustentável, abrangendo igualmente as dimensões ambiental, social e econômica, tendo em vista que os modelos mundiais atuais de desenvolvimento falham ao dar respostas à complexidade dos novos desafios, tais como a crise climática, a perda acelerada da biodiversidade, a crise energética e a degradação social.

Em março deste, durante a reunião *Planet Under Pressure*, realizada em Londres, Inglaterra, foi divulgado um documento, após intensos debates envolvendo mais de três mil cientistas especializados em temas socioambientais, que reflete a posição da comunidade científica em relação aos temas da RIO+20 e que foi elaborado com o objetivo de influenciar as discussões e as decisões que deverão ser tomadas durante esta conferência. Segundo este documento, chamado *Declaração sobre o estado do planeta*,

O funcionamento do sistema terrestre que viabilizou a civilização nos últimos séculos está ameaçado e o resultado disso poderá ser uma emergência humanitária de escala global, com a intensificação das crises sociais, econômicas e ambientais. As ações amplas e urgentes necessárias para reverter esse cenário só serão viáveis com o estabelecimento de um novo pacto entre a ciência e a sociedade, com maior conectividade entre as lideranças de todos os setores.

Lidia Brito, a moçambicana Copresidente da Conferência *Planet Under Pressure* e diretora da divisão de Políticas Científicas da Unesco, afirma que “O

tempo é o recurso natural mais escasso de todos. Nós precisamos mudar o curso das coisas de uma maneira fundamental nesta década”.

O Brasil é um dos países que pode sofrer mais intensamente as consequências do aquecimento global, principalmente no que tange à Floresta Amazônica e, apesar de ter anunciado anteriormente, durante a 16ª Conferência Climática das Nações Unidas, no México, o plano de diminuir de 36% a 39% as emissões de gases estufa até 2020, o governo ainda não tem um posicionamento claro neste sentido.

Segundo Philip Fearnside, pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), a concentração de gases de efeito estufa na Amazônia, que atualmente é de 389 partes por milhão, vem aumentando e está provocando a diminuição das chuvas na região. Este fenômeno acarreta secas extremas, como as que ocorreram na parte sul da Amazônia em 2005 e em 2010, e o aumento do risco de incêndios na floresta.

Frente a esta conjuntura, a discussão de novos rumos para o desenvolvimento do planeta, que ocorrerá na RIO+20, se reveste de uma importância ímpar, pois a complexidade e a urgência dos desafios da atualidade não permite mais o adiamento de uma tomada de decisões em larga escala.

Os autores